

# FUTEBOL, VIOLÊNCIA E DIREITOS HUMANOS

**No dia 19 de Julho passado jogou-se no Cairo a final da Taça das Nações Africanas - a prova futebolística mais importante daquele continente - entre as selecções da Argélia e do Senegal que a primeira venceu por 1-0. Foi o detonador para uma semana de violência no Sahara Ocidental.**

Obviamente que esta vitória fez rejubilar de orgulho a população argelina onde quer que se encontrasse. Mas, curiosamente, não foi só ela que manifestou esta alegria desportiva. No Sahara Ocidental os habitantes saharauís saíram para a rua, agitando bandeiras da Argélia e do seu país. Sob a capa de um jogo de futebol defrontavam-se dois Estados que têm posições opostas quanto ao direito à autodeterminação do território. A Argélia, que reconhece e defende esse direito, o Senegal, que ainda não se tornou independente do colonialismo francês, apesar de já ter hino e bandeira, e segue as ordens de Paris para apoiar a proposta de autonomia marroquina para o Sahara Ocidental.

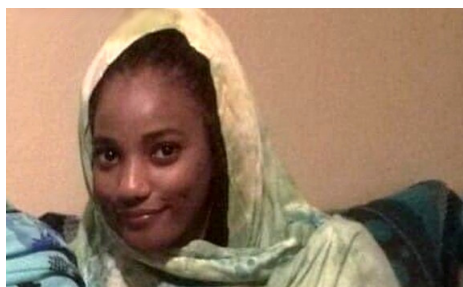


Fig. 1: Sabah Osman Hamida

No final do encontro de futebol assistiu-se a cenas de violência na sua capital El Aaiún de que Amandla Thomas-Johnson, jornalista do *Middle East Eye* (MEE), fez um relato circunstanciado e que levaram à morte de Sabah Osman — também conhecida como Sabah Njournali — uma jovem professora de língua inglesa de 24 anos, «e que fizeram igualmente dezenas de feridos suscitando críticas que acusam Rabat de “criar uma atmosfera de opressão e de terror”».

Segundo relata,

«os apoiantes saharauís invadiram a grande avenida Smara, a principal via que atravessa El Aaiún, (...), a cantar “Um, dois, três, viva a Argélia” e a agitar a bandeira argelina.

«Dado que já tinha havido confrontos nos jogos anteriores, a polícia tinha erguido barricadas na avenida antes do encontro e colocado agentes nos cafés onde havia transmissão televisiva.

«Contudo, o ambiente começou a mudar quando alguns apoiantes começaram a agitar a bandeira da Frente POLISARIO e a entoar apelos à autodeterminação (...).

«Mansour Mohamed Moloud, uma testemunha ocular e militante da Fundação pró-saharauí Nushatta, declarou ao MEE que, depois de não ter conseguido dispersar os manifestantes, a polícia começou a apedrejá-los e estes ripostaram.

«”Ao princípio houve provocações da parte da polícia. Tentaram dispersar os manifestantes. De repente, começaram a lançar pedras o que levou os manifestantes a fazerem o mesmo”, conta Moloud.

---

«Os confrontos prosseguiram durante toda a noite até de madrugada, diz Moloud. As forças de segurança lançaram gás lacrimogéneo, dispararam balas de borracha e utilizaram canhões de água.

«Imagens divulgadas dos confrontos mostram o momento em que as forças de segurança avançaram em linha para ganhar o controlo da avenida, disparando projecteis.

«Os disparos podem ser ouvidos no mesmo vídeo publicado pela Fundação Nushatta, que documenta os actos de violência cometidos no território sobre a população e afirma que a polícia disparou balas de borracha e reais. Noutras imagens podem ver-se corpos ensanguentados e manifestantes a fugir da nuvem das granadas de gás lacrimogéneo.

«Pela 1:00h da manhã, Sabah Osman (...) foi atropelada na avenida por dois carros da polícia. Quando a ambulância, finalmente, chegou já estava morta. Moloud, que a conhecia pessoalmente, crê que ela foi deliberadamente visada, quando a polícia estava em dificuldades para reprimir os manifestantes. “Vi-os tentar atropelar manifestantes”, disse.

«Segundo a Fundação, mais de 200 pessoas ficaram feridas, muitas estão num estado crítico, especialmente um homem que foi igualmente atropelado pelas forças de segurança. Seis casas foram objecto de rusgas e mais de uma dezena de pessoas, dos quais 4 menores, foram presas depois dos confrontos, indicou a Fundação. Quatro de entre elas foram libertadas enquanto dez aguardam a decisão judicial.

«Moloud, que diz terem-se tratado das piores cenas de violência que abalaram o território desde há vários anos, explica que os militantes passaram à clandestinidade. “As pessoas têm medo, deixaram de andar nas ruas, escondem-se. Toda a gente desligou o telefone, justifica.»

A Amnistia Internacional (AI) publicou um comunicado no dia 1 de Agosto onde denuncia os comportamentos das autoridades securitárias de ocupação durante aqueles acontecimentos. Segundo a AI, imagens e testemunhos mostram como as forças de segurança marroquinas intervieram nas celebrações atirando pedras, usando balas de borracha e disparando gás lacrimogéneo e utilizando canhões de água para dispersar os manifestantes, ao que estes responderam atirando pedras contra os agentes.

«Há evidências claras que sugerem que a resposta inicial das forças de segurança marroquinas ao protesto saharauí, que começou pacificamente, foi excessiva e provocou confrontos violentos que poderiam e deveriam ter sido evitados», disse Magdalena Mughrabi, vice-directora da AI para o Médio Oriente e o norte de África.

Mughrabi acrescentou que a morte de Sabah Njournali «parece ser o resultado directo da falta de moderação da polícia» e considerou necessária «uma investigação exaustiva», cujos resultados sejam tornados públicos, para que qualquer membro da Polícia envolvido «seja levado perante a Justiça». Segundo a AI, existem fontes que sugerem que pelo menos 80 pessoas sofreram ferimentos, embora o número exacto seja desconhecido.

As autoridades de ocupação divulgaram por sua vez um comunicado onde responsabilizam um grupo «dirigido por indivíduos hostis» que aproveitaram as celebrações para realizar actos de vandalismo e saques e que as forças de segurança foram forçadas a intervir para proteger a propriedade pública e privada.

Na mesma ocasião a Associação Saharauí nos Estados Unidos da América (SAUSA, na sigla em inglês) publicou o relatório “Opressão marroquina no Sahara Ocidental: repressão violenta e derramamento de sangue injustificado enquanto o mundo permanece em silêncio” que descreve os acontecimen-

---

tos ocorridos entre 19 e 28 de Julho na capital do Sahara Ocidental. O relatório centra-se no registo de inúmeras violações dos direitos humanos, sobre a política de repressão clara e sistemática dirigida contra a população civil, em particular os jovens, com recurso à tortura e às detenções arbitrárias. Uma menção especial é dada ao caso do atropelamento da jovem Sabah Njournali.

Mohamed Ali Arkoukou, presidente da SAUSA, dirigiu uma carta ao Secretário de Estado dos EUA, denunciando esta grave situação e solicitando a sua atenção imediata. A SAUSA pede:

1. A libertação imediata dos detidos.
2. O início urgente de uma investigação imparcial sobre a morte de Sabah Njournali.
3. A necessidade de estender o mandato da MINURSO para a monitorização de violações dos direitos humanos.
4. Insta também o Departamento de Estado a envolver-se directamente para fazer cumprir o Estado de Direito e os direitos humanos, em particular o direito de defesa das pessoas que reclamam o seu direito à liberdade de informação, de expressão e de reunião pacífica no Sahara Ocidental ocupado.
5. Pressionar o Reino de Marrocos para que ponha fim à sua opressão.
6. Pressionar as Nações Unidas para que ponham termo à ocupação marroquina do Sahara Ocidental.

Por sua vez o representante da Frente POLISARIO nas Nações Unidas, Mohamed Sidi Omar, enviou uma carta ao Conselho de Segurança, onde descreveu a repressão exercida por Marrocos sobre os entusiastas do futebol como uma componente da sua política sistemática de opressão no Sahara Ocidental ocupado. E exortou a organização a «responsabilizar Marrocos pelas consequências desse acto perigoso e pelos crimes hediondos praticados pelas suas forças de segurança contra a população saharauí».